

Citibank acredita em boa negociação

Roberto Garcia

Correspondente

New York — John Reed, presidente do Citibank, disse ontem que espera negociações relativamente tranquilas entre o Brasil e seus credores estrangeiros para o reescalonamento da dívida. Ele afirmou que um acordo formal prévio do governo Sarney com o FMI não seria um requisito para a conclusão dessas negociações.

O presidente do maior credor particular do Brasil disse ontem que ir ao Fundo Monetário Internacional é como pôr termno e gravata de manhã, antes de trabalhar. É uma demonstração de cortesia para as pessoas com as quais se trabalha. O hábito não é nem confortável nem barato, mas facilita o bom relacionamento. Reed acrescentou que se usa a gravata por tradição e se usa o FMI porque ele faz parte do sistema. Os países com problemas de dívida externa submetem-se aos programas do FMI como uma força de satisfazer seus credores, mas isso não quer dizer que tem de ser obrigatório. Ninguém está dizendo, por exemplo, que o Brasil obrigatoriamente precisa ir ao FMI e assinar um acordo formal com aquela instituição. Mas seria muito conveniente que o Brasil tivesse algum tipo de entendimento com o Fundo.

Reed se declarou otimista em relação à situação brasileira em geral. Justificou seu otimismo dizendo que o Brasil está crescendo, seu quadro institucional está se consolidando, com um presidente eleito, e agora com o início dos trabalhos da Assembléia Constituinte. Ainda mais importante que isso, na opinião do presidente do Citibank é o fato de que os investimentos feitos pelo Brasil com os empréstimos externos foram prudentes e produtivos, começando agora a dar resultados.

Por causa disso, Reed afirmou que não esperava problemas insuperáveis na renegociação da dívida externa com os bancos privados credores do país.

John Reed disse que seria desejável que, antes de iniciar as negociações com os bancos privados, o governo brasileiro concluísse as negociações com os governos credores membros do Clube de Paris.

— Suponho que Funaro vá procurar o secretário do Tesouro James Baker durante sua estada nos Estados Unidos para avançar as negociações nessa questão — disse ele.

Rimmer de Vries, vice-presidente do Morgan Guaranty Trust, outro importante credor brasileiro, disse que países como o Brasil não deveriam buscar novos empréstimos para resolver seus problemas de dívida externa. Mais importante, agora, seria conseguir um reescalonamento dos pagamentos que vencerão nos próximos anos, afirmou.